

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

ERIKA SIMONE RIBEIRO DA FONSECA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Existem diferentes tipos de entrevista, entre os quais a entrevista de emprego, a entrevista médica, a entrevista jornalística, etc. Basicamente um gênero oral, a entrevista pressupõe uma interação entre duas pessoas, cada uma com um papel específico: o entrevistador, responsável pelas perguntas, e o entrevistado (ou entrevistados), responsável pelas respostas.

Entre os tipos de entrevista, o que costuma despertar maior interesse público é a entrevista jornalística, difundida pelos meios de comunicação orais e escritos, como jornal falado da tevê, o rádio, o jornal escrito, a revista e a Internet. Antes de ser publicada em revistas e jornais escritos, a entrevista geralmente é feita de forma oral, quando é gravada, e depois transcrita para linguagem escrita. Na passagem de linguagem oral para a escrita, quase sempre são realizadas modificações nas falas originais.

Leia a entrevista a seguir, concedida pelo psiquiatra Simon Baron-Cohen à revista Superinteressante.

Sexo na cabeça

O psiquiatra Simon Baron-Cohen acredita que a diferença entre homens e mulheres está no cérebro.

*Você já viu um homem chorar no final de uma novela? E uma mulher apaixonada por motores de carro? Pode até ser que sim, mas, mesmo que não consigamos determinar o porquê, essas cenas são muito raras. Para o inglês Simon Baron-Cohen, a questão é a diferença entre o cérebro masculino e o feminino. Diretor do Centro de Pesquisa de Autismo da Universidade de Cambridge, Inglaterra, Baron-Cohen escreveu o recém-lançado livro *The Essential Difference: The Truth about the Male and Female Brain* (“A Diferença Essencial: a Verdade Sobre o Cérebro Masculino e Feminino”, sem tradução para o português). Ele afirma que o cérebro feminino seria, em geral, mais bem adaptado para o mundo social, mais ligado aos sentimentos e emoções.*

O masculino estaria mais preocupado com o mundo abstrato, com as regras por trás de sistemas como computadores, automóveis, equações matemáticas ou música. A partir do conflito entre o impulso de sistematizar e o de se afeiçoar às coisas do mundo, Baron-Cohen conseguiu trazer novas explicações para doenças como o autismo e para a personalidade de alguns dos maiores cientistas da história, como Albert Einstein e Isaac Newton. De sua casa, em Cambridge, ele conversou com a Super sobre sua obra.

Você acredita que o cérebro masculino é mesmo diferente do feminino?

Minha teoria é psicológica. Eu pesquiso o tipo de informação que atrai mais cada tipo de cérebro. Acredito que a mente masculina é atraída mais facilmente por sistemas e para entender como eles funcionam. Já o cérebro feminino presta mais atenção às emoções.

E de onde vêm essas diferenças?

Elas são uma mistura de experiência de vida e de herança genética. O nosso aprendizado é importante para nos dar mais empatia ou para que possamos entender melhor os sistemas. Mas encontramos diferenças entre homens e mulheres já no nascimento, antes que eles possam ter qualquer experiência. Sabemos que algumas dessas diferenças são fruto de hormônios que agem ainda durante a gestação, que talvez sejam controlados pelos genes.

É possível dizer que cada sexo possui um cérebro de tipo diferente?

Não, as evidências que tenho sugerem que nem todos os homens possuem um cérebro masculino e nem todas as mulheres, um cérebro feminino. Na verdade, há pessoas que possuem um cérebro do tipo oposto ao do gênero do qual fazem parte.

Quais as vantagens e desvantagens de cada tipo de cérebro?

Primeiro, quero deixar claro que um não é melhor que o outro. Eles são simplesmente diferentes. O cérebro feminino tem vantagem no mundo social e o masculino, no mundo abstrato. Se você tem empatia, é fácil entender os sentimentos e pensamentos das outras pessoas sem nenhum esforço. Se você tiver facilidade para sistematizar, pode olhar para um máquina nova ou um sistema abstrato, como um código, e enxergar um padrão sem precisar

fazer muita força. O cérebro masculino é muito bem adaptado para matemática, engenharia, computação e para áreas técnicas em geral, em que o conhecimento é organizado de acordo com leis ou regras. O feminino é muito bem adaptado para entender a relação entre as pessoas e para atividades que envolvem o cuidado com gente, como a medicina e o magistério.

Não seria mais vantajoso para a espécie humana ter um cérebro balanceado, bom em sistemas e em empatia?

Sim. A maioria das pessoas tem um cérebro assim. Somente na média as mulheres tendem a ter mais empatia e os homens, uma melhor compreensão de sistemas. Essa diferença parece ser fruto da evolução, que levou cada sexo a ser mais adaptado a uma área.

Em seu livro você fala das formas extremas de cérebro masculino e feminino. Que formas são essas?

Achamos que o cérebro masculino extremo corresponde ao autismo. Essas pessoas acham muito difícil ter empatia e, para elas, o mundo social é muito confuso. Por outro lado, podem passar horas, quase obsessivamente, com sistemas. O cérebro feminino extremo ainda não foi estudado. Especulamos que ele exista e que seja o oposto do masculino extremo.

E por que ele não foi estudado?

Porque pode ser que ele não leve a uma deficiência, como é o caso do autismo.

Você afirma que o autismo pode ser, em parte, hereditário. Por quê?

Há boas evidências de que o autismo atravessa gerações de famílias. Há uma incidência maior dessa doença em famílias com pessoas talentosas em áreas como matemática, física e engenharia do que em famílias com maior habilidade na área de humanas. Ainda não foi encontrado nenhum gene ligado a essa doença, mas há uma boa chance de que podemos encontrá-lo.

Você diz no seu livro que dois dos maiores físicos da história, Isaac Newton e Albert Einstein, podem ter tido síndrome de Asperger, uma variante do autismo em que as pessoas têm raciocínio e linguagem normais, mas muita dificuldade para lidar com o mundo social. Por quê?

Isso é baseado em um artigo publicado este ano pelo professor Ioan James, da Universidade de Oxford, Inglaterra. Ele estudou a vida desses dois físicos – e de outros também – e viu que eles possuíam muitas características de pessoas com síndrome de Asperger. Einstein foi descrito como uma criança solitária e sonhadora, com dificuldade para fazer amigos. Sua fala não era considerada fluente até os 9 anos de idade. Obviamente, não se pode fazer um diagnóstico definitivo de alguém que está morto e, de qualquer forma, seria antiético fazê-lo se a pessoa não estiver procurando ajuda.

Por que é difícil para a pessoa com síndrome de Asperger entender como funciona o mundo social?

O comportamento das pessoas não é previsível – diferentemente do mundo não social, do mundo inanimado. A única forma de entender a ação de outras pessoas é imaginar os pensamentos e sentimentos dela. Se você acha isso difícil, como muitas pessoas com a síndrome de Asperger afirmam achar, o mundo social não é somente complicado, mas muitas vezes assustador.

É possível que alguém com essa síndrome tenha uma vida social normal?

Sim, se as pessoas que estão próximas dela tiverem tolerância e a valorizarem. Se, ao contrário, elas acharem que é difícil lidar com quem sofre desse mal, isso pode levar a problemas muito graves para o portador da síndrome de Asperger, até mesmo à destruição da sua vida social.

Você adiou a publicação do seu livro por alguns anos. Por quê?

Até cinco anos atrás, esse tipo de teoria seria potencialmente controverso. Não teríamos um debate aberto e balanceado. Há 20 anos, essas idéias seriam consideradas

sexistas ou simplesmente como algo que tentava perpetuar a discriminação ou a desigualdade entre os sexos. Não estou interessado nessas questões, mas sim na forma como funciona o cérebro masculino e o feminino. Decidi agora lançar meu livro porque já podemos fazer essas perguntas de forma mais aberta.

Qual tipo de cérebro você tem?

Para mim, é muito difícil julgar. Estive envolvido na criação do teste usado para determinar qual o tipo de cérebro que cada pessoa tem. Os testes funcionam melhor quando você não tem nenhum tipo de conhecimento prévio deles. Não é o meu caso.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Embora conste na entrevista (no início ou no fim) o nome da pessoa que fez as perguntas, raramente ele é usado no corpo do texto. Algumas publicações usam o próprio nome antes das perguntas, em vez do nome do apresentador. Outras diferenciam perguntas e respostas por meio de recursos gráficos (como, por exemplo negrito ou itálico), sem identificar explicitamente os participantes. Na entrevista que você leu:

- a) Em que parte aparece o nome do jornalista que realizou, isto é, o crédito do entrevistador? Qual é o nome dele?
- b) Como são identificados o entrevistador e o entrevistado?
- c) Levante hipóteses: Qual seria a razão da não identificação de entrevistador e entrevistado?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

O nome do jornalista aparece logo abaixo do subtítulo da entrevista, seu nome é Alessandro Greco. O entrevistador e o entrevistado são identificados pelo uso de recursos gráficos (letras em itálico e negrito nas perguntas; nas respostas, letras em tipo normal).

Provavelmente a revista prefira dar mais destaque ao assunto do que à pessoa do entrevistado, considerando-se que o objetivo da publicação é a abordagem de assuntos científicos. Por este motivo, não houve a identificação de entrevistado e entrevistador.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

Observe a linguagem empregada pelo entrevistador pelo entrevistado:

- a) Que variedade linguística foi empregada por eles?
- b) Que forma de tratamento foi usada pelo entrevistador para dirigir-se ao entrevistado?
- c) O tratamento usado na entrevista confere maior ou menor formalidade à interação entre entrevistador e entrevistado?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a adequação linguística utilizada pelo repórter para construir uma reportagem.

Resposta comentada

Tanto o entrevistador e o entrevistado empregam a variedade padrão, adequada ao tipo de assunto tratado pelo público leitor. O entrevistador usa o pronome de tratamento “você” para dirigir-se ao entrevistado, dessa forma há uma menor formalidade, aproximando as pessoas envolvidas na entrevista.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 3

Após ler e analisar a entrevista responda: Quais são as características da entrevista? Considere os critérios a seguir: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte ou veículo, tema, estrutura, linguagem.

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

A entrevista é um texto jornalístico que tem por objetivo colher informações, opiniões, experiências pessoais e profissionais de uma pessoa de destaque. Na relação entrevistador/entrevistado: o locutor é o jornalista; o locutário é uma pessoa de destaque em determinada área profissional. É veiculada pela imprensa escrita e falada: jornais, revistas, rádio, televisão e sites. Os temas são assuntos de interesse geral, relacionados com a vida pessoal e profissional do entrevistado. Apresenta título e geralmente um pequeno texto que faz uma apresentação de entrevistado e o nome do entrevistador (ou da revista ou do jornal que ele representa) e do entrevistado antes da fala de cada um. Normalmente emprega a variedade padrão da língua e é transcrito sem marcas de oralidade.

TEXTO GERADOR II

Leia esta reportagem:

Aluno lê 1,7 livro ao ano por vontade própria

Os estudantes brasileiros lêem 7,2 livros por ano, mas 5,5 deles são didáticos ou indicados pela escola. Apenas 1,7 livro é lido por vontade e escolha própria. Esses são alguns

dos resultados da pesquisa Retratos da Leitura que o Instituto Pró-Livro divulga hoje em Brasília, obtidos com exclusividade pelo Estado. Foi a primeira vez que os hábitos de leitura dos alunos de todas as idades foram analisados no País.

O resultado condiz com o mau desempenho dos alunos brasileiros em leitura em avaliações internacionais, como o Pisa. No último exame, feito em 2006, mais de 50% ficaram nos mais baixos níveis de compreensão e interpretação de textos.

A quantidade de livros aumenta conforme a classe social, a escolaridade e a região onde vivem. Entre os que ganham mais de 10 salários mínimos, por exemplo, são 5,3 livros por ano, sem contar os didáticos. O índice é próximo dos registrados em outros países, como Espanha (5 livros por ano) ou Argentina (5,8). Na França, são mais de 7. Já na Região Norte do Brasil, praticamente só se lê o que a escola pede.

Especialistas são unânimes em salientar a importância do livro didático para incentivar a leitura entre estudantes. Mas acreditam que menos de dois livros por ano é uma média baixa. Mesmo com essa média baixa, os estudantes ainda lêem mais do que a população em geral, cujos dados serão divulgados hoje.

“Um bom trecho literário num livro didático leva o aluno a procurar o livro todo, a buscar o autor”, diz a educadora e especialista em leitura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Maria Antonieta Cunha.

Para o coordenador da pesquisa, Galeno Amorim, isso mostra a importância dos programas de distribuição de livros didáticos do governo, que existem desde os anos 90. O Ministério da Educação compra exemplares – didáticos e de literatura, para as bibliotecas – para todas as escolas do País.

Apesar disso, 46% dos estudantes do País dizem não frequentar bibliotecas. “Muitas vezes as escolas têm os acervos enviados pelo governo, mas não montam a biblioteca por falta de funcionário, de espaço. Existe também essa dificuldade de acesso físico ao livro”, completa a pesquisadora do Instituto Fernand Braudel, Patrícia Guedes, que coordena um programa que estimula a leitura nas escolas públicas.

Ela conta que, muitas vezes, o estudante afirma não gostar de ler “porque não teve alguém que despertasse essa paixão nele”. “Não há políticas públicas nesse sentido, só práticas isoladas de alguns professores”, afirma. Na pesquisa, 17% afirmaram não gostar de ler.

TV, música, sair com amigos e descansar são itens que vêm antes da leitura na preferência dos estudantes para ocupar o tempo livre. “Eles não percebem que o livro, assim como a TV e o cinema, também relaxa. A leitura é vista como uma obrigação”, diz Maria Antonieta.

As gêmeas Camila e Bianca Silva de Moura, de 9 anos, são exemplos de que há exceções. “Ler é muito mais legal do que ver TV, do que mexer no computador”, diz Bianca, que contabiliza “uns 50 livros” lidos desde que foi alfabetizada.

As duas moram no Itaim Paulista, estudam em escola pública e seus pais nem sequer terminaram o ensino médio. A mãe, Laura, sempre incentivou a leitura, trocando livros com os vizinhos e emprestando exemplares da escola. Nesse ponto, a família Silva entra nas estatísticas: 62% dos estudantes dizem que a mãe é uma das pessoas que mais os influenciam a ler.

“O último livro que li foi na 5ª série”, diz o estudante do ensino médio Leonardo Matsumura, de 16 anos. Ele conta que, quando os professores solicitam a leitura de um livro, ele procura resumos na internet. Na pesquisa, 8% dos estudantes dizem ler com frequência na internet.

O Instituto Pró-Livro é uma entidade fundada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Associação Brasileira de Editores de Livros (Abrelivros). “Os índices vêm melhorando, mas ainda são insuficientes”, diz o presidente da Abrelivros e do instituto, Jorge Yunes.

(O Estado de São Paulo)

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Na reportagem é comum o jornalista citar o discurso de pessoas envolvidas com o assunto em questão.

- a) Para mostrar a importância do uso do livro didático para incentivar a leitura, a jornalista responsável pela reportagem introduz a voz de outra pessoa ou ela própria comenta?
- b) No texto, como aparece esse comentário?
- c) Que tipo de discurso é empregado: direto ou indireto?
- d) Na reportagem, que papel assume o discurso citado?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as formas de reportar uma fala pelo uso do discurso direto, indireto e indireto livre.

Resposta comentada

A jornalista responsável pela reportagem introduz a voz de outra pessoa, a da educadora Maria Antonieta Cunha. Esse comentário aparece no texto entre aspas, seguido da forma verbal *diz* e o nome da entrevistada temos então a presença do discurso direto que tem o papel de apresentar opiniões ou pontos de vista sobre o assunto em questão.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 5

Quais são as características da reportagem ? Respondam seguindo os seguintes critérios: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte ou veículo, tema, estrutura, linguagem.

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

A finalidade da reportagem é transmitir informações mais aprofundadas sobre o tema abordado, enfocando-o sobre diferentes aspectos e pontos de vista. O locutor é o jornalista e o destinatário são os leitores de jornais e revistas. O suporte/veículo são os jornais, revistas e sites de natureza jornalística. O tema são assuntos de interesse geral do público leitor de jornais e revistas. Sua estrutura é relativamente livre. Além de apresentar o tema ou o fato reúne trechos de entrevistas, citações, tabelas, gráficos, mapas, dados estatísticos, fotos, boxes informativos, etc. A linguagem pode ser menos ou mais pessoal, podendo expressar o ponto de vista do jornalista: há o predomínio da variedade padrão, geralmente co-verbos no presente do indicativo.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 6

Preparando a entrevista e o entrevistado

Em grupos de três alunos, escolham uma pessoa para ser entrevistada: um profissional de uma área pela qual o grupo tem interesse, uma pessoa conhecida em sua cidade, o diretor de uma ONG, um empresário, um comerciante, um escritor, um professor, um atleta, um ex-aluno da escola, um colecionador de selos e revistas em quadrinhos, um músico, um ator, etc.

- a) Procurem conhecer a pessoa que será entrevistada e o assunto que será foco da entrevista.
- b) Façam o roteiro das perguntas.
- c) Façam perguntas claras e objetivas.
- d) Ao entrevistar, não confiem na memória: levem um gravador. Apresentem uma pergunta de cada vez e saibam ouvir.

Habilidade trabalhada

Produzir um roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.

Resposta comentada

O professor deve observar se a entrevista veicula informações suficientes a respeito do assunto abordado; se a sequência das perguntas e respostas flui com naturalidade; se contém título e texto de apresentação; se o nome do entrevistador ou do jornal que ele representa está colocado antes das perguntas e o nome do entrevistado antes das respostas ou se as perguntas e respostas se diferenciam por meio de recurso gráfico; se a linguagem empregada está adequada ao perfil dos leitores e ao gênero textual.